

ABORDAGENS POLÊMICAS ENVOLVENDO O TEMA SEXUALIDADE: UMA ANÁLISE DOS TRABALHOS PUBLICADOS NOS ENEBIO'S

Clécio Danilo Dias-da-Silva, Alberson Fagundes da Silva, Magnólia Fernandes Florêncio de Araújo, Ivaneide Alves Soares da Costa, Elineí Araújo-de-Almeida.

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais e Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGECNM/UFRN). E-mail: danielodias18@ufrn.edu.br.

Resumo

Esse trabalho teve como objetivo investigar as publicações dos Encontros Nacionais de Ensino de Biologia (2005-2016) sobre a sexualidade, com ênfase nas abordagens polêmicas envolvendo esta temática. Para isso, foram realizadas buscas no site do evento para o levantamento de materiais. Posteriormente, estes foram codificados e categorizados para a inferência de informações acerca da temática no evento. Diante dos dados obtidos, constatou-se um ínfimo número de pesquisas envolvendo o tema sexualidade com abordagens polêmicas nas edições dos Encontros Nacionais de Ensino de Biologia, quando comparados ao número total de trabalhos publicados. Nesse contexto, evidencia-se a necessidade de um despertar por parte dos professores e pesquisadores para a inserção/realização de atividades envolvendo aplicação desta temática no contexto escolar, como por exemplo, oficinas, dinâmicas, discussões, aplicações de atividades lúdicas, entre outras, sensibilizando os estudantes, quebrando preconceitos e tabus acerca do tema sexualidade.

Palavras-chave: Sexualidade, Abordagens Polêmicas, Análise de Conteúdo, ENEBIO.

Introdução

Apesar dos avanços nas discussões sobre sexualidade na sociedade moderna, este tema ainda é considerado polêmico e divide opiniões. Hoje, nos deparamos com novos conceitos e concepções sobre sexualidade que vão muito além da visão naturalística do aparelho reprodutor masculino e feminino abordada nas escolas. Segundo Santos (2002), o debate sobre sexualidade nas escolas esbarra, quase sempre, no currículo. Ele ainda encontra-se pautado no conservadorismo e se molda a uma visão biológico-médica. Ela prioriza os aspectos anatomofisiológicos e os discursos de saúde e doenças.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) orientam que a escola, deve abordar os conteúdos de sexualidade, levando em conta alguns critérios de seleção. Dentre eles, destaca-se a abordagem dos aspectos psicológicos, sociológicos e fisiológicos da sexualidade, a fim de oferecer subsídios para que os jovens tenham uma prática sexual prazerosa e responsável

(BRASIL, 1997). Os PCN também preconizam que a partir da 5ª série do ensino fundamental, há um aumento das dúvidas e curiosidades por parte dos alunos, exigindo-se progressivamente a discussão de temas polêmicos como:

[...] masturbação, início do relacionamento sexual, homossexualidade, aborto, prostituição, erotismo e pornografia, desempenho sexual, disfunções sexuais, parafilias, gravidez na adolescência, obstáculos na prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/Aids, entre outros. São temas que refletem as preocupações e ansiedades dos jovens, dizem respeito ao que eles vêem, lêem e ouvem, despertando curiosidade, ou ainda temas que as novelas de TV colocam na ordem do dia. Questões como mães de aluguel, hermafroditismo, transexualismo, novas tecnologias reprodutivas, por exemplo, são trazidas por meio da veiculação pela mídia, aparecendo então como demanda efetiva de conhecimento e debate. (BRASIL, 1997, p.315).

Considerando que a instituição escolar é responsável pela transmissão de conhecimentos e pelo estabelecimento de interações entre os mais diferentes indivíduos, é de suma importância que haja uma superação de abordagens puramente biológica, no ensino de sexualidade, em favor daquelas que valorizem a diversidade cultural e social, assim como a formação para cidadania (PEREIRA, 2009; MAMPRIN, 2009). Para que isto ocorra, é necessário que os programas escolares acompanhem os ritmos dos seus alunos, tendo em vista que eles são bombardeados diariamente por uma cultura midiática que banaliza o sexo, reforça estereótipos e potencializa preconceitos.

Diante deste cenário, considerando a relevância de se trabalhar sobre a sexualidade no ambiente escolar, esta temática têm sido foco de inúmeras pesquisas e publicações em teses, dissertações, artigos científicos e resumos de eventos. Nesse contexto, este trabalho foi pensado, movido e efetivado pelo desafio de conhecer o que foi construído a respeito da sexualidade, visando trazer informações que fomentem buscas de novas abordagens, dando atenção às pesquisas realizadas que crescem rapidamente nessa área de conhecimento, além de divulgá-las para a sociedade. Nesse contexto, acreditamos que refletir a respeito da abordagem de temas polêmicos sobre a sexualidade nos anais publicados do Encontro Nacional de Ensino de Biologia (ENE BIO), é de suma importância, visto que este é um evento de peso científico, e alvo de inúmeras publicações por parte de professores, pesquisadores, estudantes de graduação e pós-graduação em Ciências e biologia.

Esse trabalho teve como objetivo investigar as publicações dos Encontros Nacionais de Ensino de Biologia (2005-2016) sobre a sexualidade, com ênfase nos temas polêmicos envolvendo esta temática.

Metodologia

Para o desenvolvimento do artigo, utilizou-se da pesquisa qualitativa seguindo procedimentos da análise de conteúdo sistematizada por Bardin (2011), para o tratamento e análise dos dados. De acordo com a autora, a análise do conteúdo consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos” (BARDIN, 2011).

Bardin (2011) organiza a análise de conteúdo em três etapas constituídas de: I) Pré-análise: é a fase de organização propriamente dita. Corresponde a um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise; II) Exploração do material: consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas, agregando-os em categorias; e III) Tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação, que consiste em tratar os resultados brutos de maneira a serem significativos (“falantes”) e válidos.

Primeiramente buscou-se, na página do evento (<http://www.sbenbio.org.br/blog/categoria/anais/>), por meio dos descritores: Sexualidade, Diversidade de Gênero, Orientação sexual, homossexualidade e transexualidade. Para a seleção da amostra seguiu-se os critérios: conter expressamente no título e/ou nas palavras-chave do trabalho os descritores propostos. As 06 (seis) edições dos ENEBIO (2005 - 2016) foram investigadas por completo na busca dos trabalhos para análise.

Após o levantamento da amostra, foi realizada uma leitura e exploração criteriosa dos materiais selecionados, visando identificar a frequência de trabalhos envolvendo o tema sexualidade, e, selecionar e analisar aqueles que empregaram abordagens polêmicas dentro da temática proposta. Posteriormente, ocorreu à categorização, tratamento dos dados, inferências e interpretações dos dados produzidos.

Resultados e Discussões

Frequência do Tema Sexualidade nas Edições do Enebio

Do total de 2510 trabalhos publicados nos Encontros Nacionais de Ensino de Biologia, apenas 63 deles abordavam a temática sexualidade, representando 2,50% dos trabalhos divulgados no evento (Quadro 1).

Quadro 1: Panorama dos trabalhos envolvendo o tema sexualidade nos ENEBIO'S.

Ano	Evento	Local	Total De Artigos	Artigos Sobre Sexualidade	%
2005	I ENEBIO	Rio de Janeiro/RJ	268	06	2,23
2007	II ENEBIO	Uberlândia/MG	219	04	2,28
2010	III ENEBIO	Maringá/PR	424	06	1,65
2012	IV ENEBIO	Goiânia/GO	331	14	4,22
2014	V ENEBIO	São Paulo/SP	568	15	2,64
2016	VI ENEBIO	Maringá/PR	700	18	2,57
Total			2510	63	2,50

Resultados similares foram encontrados por Bastos e Pinho (2017), onde, ao realizar um levantamento sobre o tema sexualidade nas atas do Encontro Nacional de Educação em Ciências (ENPEC), verificaram que os trabalhos envolvendo esta temática representavam apenas 1,7% do total de artigos publicados no evento. A baixa porcentagem de artigos sobre sexualidade em eventos voltados para a área de pesquisa em Ensino de Ciências justifica-se pelas disputas com outras temáticas, já consolidadas nesta área de pesquisa (Bastos e Pinho, 2017).

Foco Temático e Abordagens Polêmicas

Com relação ao foco temático das publicações, 55% dos artigos estavam relacionados à “Morfofisiologia do Sistema reprodutor Masculino e Feminino”, 21% a “Sexualidade e Educação para Saúde”, 13% à diversidade e/ou Orientação Sexual”, e 11% estavam relacionados à “Sexualidade em Livros Didáticos”. Destes, apenas n=10 artigos traziam uma abordagem polêmica (16%). Estes podem ser visualizados no quadro 2.

Na pesquisa “Diversidade sexual e licenciandos em ciências biológicas: que professor formamos?”, desenvolvida por Coelho e Campos (2012), foram investigados elementos da

representação sobre a (homo) sexualidade e a homofobia nos discursos de estudantes de um curso de licenciatura em Biologia. Os autores constataram que a maior parte dos licenciandos do curso de Ciências Biológicas, de uma Universidade pública do Estado de São Paulo possui concepções preconceituosas e heteronormativas, as quais poderão implicar em prejuízos na prática docente. Nesse contexto, apontam a existência de uma negligência por parte dos cursos de licenciatura em Ciências Biológicas, e afirmam que a não re(formulação) de concepções e posturas dos licenciandos pode levar a formação de professores incapazes de atuar de maneira transformadora frente aos preconceitos da sociedade atual.

Quadro 2: Trabalhos com abordagens polêmicas sobre sexualidade nas edições do evento.

Autoria	Título	Foco Temático	Edição do Evento
Coelho e Campos (2012).	Diversidade sexual e licenciandos em ciências biológicas: que professor formamos?	Diversidade Sexual	IV ENEBIO
Martins (2012).	Diversidade de orientação sexual nas aulas de biologia	Diversidade Sexual	IV ENEBIO
Santos e Castellan (2014).	Corpos <i>dissidentes</i> no espaço escolar: normalizações e assujeitamentos.	Padrões de corpo e normatizações	V ENEBIO
Santos (2014).	Tecendo olhar(es) sobre homossexualidade(s) no espaço escolar: batendo um papo com professores/as de ciências e biologia	Diversidade/Orientação Sexual	V ENEBIO
Santos e Souza (2014)	'Professora, a senhora gosta de homem ou de mulher'? Olhares de um grupo de estudantes sobre uma proposta de ensino sobre corpo, gênero e sexualidade na EJA	Diversidade/Orientação Sexual	V ENEBIO
Polizel e Carvalho (2016).	Queimando livros e currículos: considerações sobre a histeria neofundamentalista nas discussões de sexualidade e gênero.	Diversidade/Orientação Sexual	VI ENEBIO
Carvalho (2016).	Educação para as sexualidades, os gêneros e as diferenças: para além da biologia, as 'biopolíticas' atuais.	Diversidade/Orientação Sexual	VI ENEBIO
Cavalcante e Mota (2016).	Gênero e sexualidade na prática docente de professores de ciências em uma escola pública de fortaleza.	Diversidade/Orientação Sexual	VI ENEBIO
Nascimento e Dorvillé (2016).	Sexualidade e gênero na percepção docente.	Diversidade/Orientação Sexual	VI ENEBIO
Santana, Polizel e Maio (2016).	Concepções de professores de ciências e biologia do município de Maringá, paraná, sobre transexualidade.	Diversidade/Orientação Sexual	VI ENEBIO

No artigo "Diversidade de orientação sexual nas aulas de biologia", de Martins (2012), foi averiguado como estavam sendo trabalhados os temas relacionados à sexualidade e gênero no contexto escolar. Os dados encontrados pela autora demonstram que a abordagem de temas relacionados à sexualidade em uma escola de rede pública do município de Juína – MT, onde foi realizada a pesquisa, é restrita aos aspectos biológicos, tais como órgãos reprodutores e

doenças. Ainda foi evidenciado na investigação, que os professores demonstraram não reconhecer a necessidade de proporcionar aos alunos aprendizagens que extrapolem o campo biológico, sendo necessário que os programas de formação tanto inicial, quanto continuada sejam desenvolvidos, de modo a sensibilizar o professor e capacitá-lo para tais discussões.

Em Santos e Castellan (2014), “Corpos *dissidentes* no espaço escolar: normalizações e assujeitamentos” foram investigados relatos de professoras e das estratégias utilizadas por estas no contexto escolar para lidar com corpos “atravessados” pela gravidez, pela utilização dos *piercings* e pelas identidades de gêneros e orientações sexuais dissidentes dos padrões heteronormativos. Nesse trabalho, o autor enfatizou relatos de três professoras de Biologia que participaram de tal curso, em momentos de leituras, discussões, visualização de imagens e vídeos que abordavam as distintas representações de corpos, gêneros e sexualidades no contexto escolar. Os relatos e as estratégias escolares em lidar com corpos dissidentes, mencionados/as pelas professoras, foram registrados/as em um caderno de bordo, analisados/as e problematizados/as com os ministradores do curso. Os resultados mostraram que a presença desses “corpos dissidentes” desestabiliza a escola e perturba a ordem, ocasionando a rejeição e a exclusão desses sujeitos, por meio das violências simbólicas e físicas. As autoras observaram que os sujeitos que compõem a escola (professores, alunos, funcionários) criam expectativas em torno das pessoas que frequentam esse espaço, estabelecendo padrões de comportamentos (in)aceitáveis, categorizando-os/as como (a)normais imputando-lhes vigilâncias, torturas, dentre outros. Dessa forma, propõe a efetivação de mais pesquisas nesse âmbito e a realização de atividades para sensibilização da comunidade escolar.

A pesquisa, “Tecendo olhar(es) sobre homossexualidade(s) no espaço escolar: batendo um papo com professores/as de ciências e biologia”, realizada por Santos (2014), investigou como professores/as concebem a homossexualidade e quais saberes utilizam para lidar com situações no espaço escolar. Os resultados apontam que os investigados de escolas da rede pública da cidade de Ituiutaba/MG não compreendem a homossexualidade como resultante de determinações de uma escolha objetual normal e saudável, uma vez que os professores apresentavam uma perspectiva patológica da homossexualidade, estando relacionada, muitas das vezes, a distúrbios genéticos, hormonais e/ou psicológicos. O autor associa essas compreensões a déficit na abordagem dessa temática formação inicial de professores. Nesse contexto, propõe mais investigações sobre a temática, visando melhor compreender as debilidades presente nos cursos de licenciatura, para uma melhor formação de profissionais preparados para lidar com a temática em questão.

O trabalho “‘Professora, a senhora gosta de homem ou de mulher’? Olhares de um grupo de estudantes sobre uma proposta de ensino sobre corpo, gênero e sexualidade na EJA” de Santos e Souza (2014) analisou aspectos sobre os posicionamentos de discentes em relação a uma proposta desenvolvida na disciplina de Ciências sobre corpo, gênero e sexualidades. A pesquisa envolvendo ação educativa, escola pública municipal da cidade de Jequié-BA, abarcou a discussão de temas como os padrões corporais; a produção dos corpos; indivíduos intersex; a biologia dos corpos tidos como masculinos e femininos; sexo e prazer; masturbação, desejo e prazer sexual; demarcações de gênero; diversidade de gênero e sexual (gays, lésbicas, heterossexual, travesti, bissexual, transexual etc.); homofobia; riscos e vulnerabilidades de práticas sexuais; e relacionamentos afetivo sexuais na contemporaneidade. Para coletar os dados foi solicitado dos discentes que respondessem a um questionário aberto enfatizando seus posicionamentos sobre o desenvolvimento da proposta ao final da intervenção. Constatou-se que as ideias dos discentes em relação aos corpos foram desestabilizadas por meio das discussões efetivadas, porém houve questionamentos em relação à sexualidade da professora pesquisadora ao discutir a temática, sendo colocados em um patamar “duvidoso” pelos estudantes. Os alunos demonstraram não apresentar conhecimentos a respeito de aspectos biológicos do corpo humano, DST’s, assim como também não demonstraram apresentar respeito à diversidade de gêneros. Nesse contexto, o posicionamento, as dúvidas e os questionamentos que os discentes demonstraram como a discussão da temática carece de perspectivas desafiadoras e problematizadoras.

O artigo de Polizel e Carvalho (2016), intitulado “Queimando livros e currículos: considerações sobre a histeria neofundamentalista nas discussões de sexualidade e gênero”, refletiu acerca das eleições de saberes dados como formativos, e os artefatos que garantem a implementação destes como verdades em meio às tradições inventadas. Dessa forma, o ensaio teórico discute as influências neofundamentalistas e conservadoras junto às questões curriculares de gênero e diversidade sexual em sinergia com Planos Nacionais e Estaduais de Educação que trazem propostas para abordagem da temática. Dentro das questões elencadas, tenciona-se a imposição de regras e de normatividade e a visibilidade de pessoas LGBTQs com a pretensão de se contribuir para esclarecimentos e para a educação para sexualidades nas escolas.

Carvalho (2016), em seu trabalho “Educação para as sexualidades, os gêneros e as diferenças: para além da biologia, as ‘biopolíticas’ atuais” propõe uma reflexão sobre como as biopolíticas que incidem na educação para as sexualidades, os gêneros e as diferenças, afastando-se, propositadamente, das teorizações e da análise de concepções ou das abordagens

didático-pedagógicas já cristalizadas pelos currículos, pesquisas, práticas e encaminhamentos realizados no ensino de ciências e biologia. Nesse âmbito, os autores problematizam conhecimentos sobre as biopolíticas (domínio do corpo por táticas de governo) que irão determinar o que é aceito ou não e por em circulação representações sobre corpo, sexos, identidades, subjetividades, desejo e relações humanas. As explicações biologizadas são criticadas como conhecimentos hegemônicos que contribuíram na construção de significados binários, masculinistas e sexistas. Conforme o autor, a discussão de gêneros e sexualidades como relacionais desestabiliza a fixação sexo/gênero e requer posicionamentos que contemplem direitos e visibilidades.

Com relação ao artigo, “Gênero e sexualidade na prática docente de professores de ciências em uma escola pública de Fortaleza” desenvolvido por Cavalcante e Mota (2016), ao investigar sobre o conhecimento e a abordagem dos professores de ciências sobre educação sexual, contataram que os professores compreendem a definição de sexo biológico e definem esse termo corretamente e de acordo com a literatura pesquisada. No entanto, em relação aos termos gênero e sexualidade, muitos se confundiram ao tentar explica-los. Muitos expressaram dificuldades em formas/estratégias para inserir o tema em sala de aula. Dessa forma, percebe-se que há necessidade de uma formação continuada dos educadores nos assuntos de educação sexual, uma vez que esse tema é de fundamental importância para o conhecimento tanto dos alunos como dos próprios professores.

O trabalho de Santana, Polizel e Maio (2016), ao explorar o tema sobre “Concepções de professores de ciências e biologia do município de Maringá, Paraná, sobre transexualidade”, discorre acerca de aspectos relacionados com as representações de professores/as de Ciências e Biologia envolvendo essa temática um tanto polêmica. Os autores evidenciaram que o professorado compreende uma linearidade entre sexo-gênero-sexualidade, determinada de maneira essencialista pela biologia dos corpos. Entre os/as entrevistados/as estes/as desconhecem qual pronome de tratamento utilizar (ele ou ela), e como proceder diante de situações envolvendo esse público no ambiente escolar. Nesse contexto, os autores apontam uma defasagem na formação de professores/as e nos currículos no que tange a temática transexualidade.

Nascimento e Dorvillé (2016), no trabalho “Sexualidade e gênero na percepção docente”, verificaram que a maioria dos docentes atribuem a sexualidade a uma opção sexual e/ou fatores psicológicos. Foi constatado também que os docentes conseguem planejar atividades que envolvem o tema, entretanto, estes sentem dificuldades na abordagem pelo preconceito, falta de maturidade dos alunos ou anacronismo didático. Nesse contexto, os

autores afirmam que apesar das conquistas e quebras de tabus a cerca da sexualidade, os professores ainda são influenciados por um padrão moralizador heteronormativo e se sentem ameaçados pela imposição cultural dominante, pais, escola e os problemas que podem acarretar no processo educativo.

Apesar da relevância dos trabalhos publicados e das constatações explicitadas como subsídios para enriquecimento do debate sobre a temática, podem-se perceber algumas tendências quanto ao foco temático e tipologias de investigação nas publicações. Entre os temas polêmicos, verificou-se uma grande predominância envolvendo o subtema “orientação e diversidade sexual”, o que demonstra uma certa preocupação por parte dos professores e pesquisadores para com esta temática. Esse fato pode está relacionado à apropriação dos docentes da educação básica acerca dos documentos oficiais direcionados a este tema, uma vez que a criação do tema transversal “Orientação Sexual” nos PCNs, fomentaram a inserção deste assunto no âmbito escolar, conforme discutido por Altmann (2001), Furlani (2007), Figueiredo (2009), e Abreu e Santos (2015).

Conforme Palma et al. (2015) o fato do governo intensionar um debate sobre a sexualidade pode ser considerado como algo positivo, visto que em algumas décadas atrás, esse assunto não era nem permitido, quanto mais estimulado. Conforme os autores, o fato de existir a possibilidade de trabalhar questões relacionadas à orientação sexual no ambiente de aprendizagem, e dentre ela a questão da diversidade, é um avanço no ensino brasileiro, dessa forma, a escola não pode simplesmente fechar os olhos para a realidade, e considerar que as palavras: gay e lésbica devem ficar fora dos portões escolares.

A outra tendência constatada está relacionada às tipologias de pesquisas. Foi verificado que os artigos estavam em torno de investigações sobre a concepção/percepção de professores e alunos ou discussões teóricas envolvendo a temática. Este fato revela a necessidade de diversificação dos focos das pesquisas, saindo do campo teórico e intensificando a efetivação de atividades de intervenção, como oficinas, debates, aplicação de atividades lúdicas, entre outros. É nesse contexto que Nogueira et al. (2016) Souza-ew et al. (2017) destacam a necessidade do desenvolvimento de atividades/estratégias de educação que possibilitem unificar a informação à reflexão e a mudança de atitudes, oportunizando ao jovem a manifestação de suas ideias, vivências e sentimentos, para que os indivíduos envolvidos no processo de formação possa exercer um olhar crítico e uma prática transformadora, com oportunidades de mudança de comportamentos e atitudes que minimizam riscos e que possibilitem uma vivência mais prazerosa de sua sexualidade.

Considerações Finais

Embora seja verificada a presença de artigos envolvendo a temática sexualidade nas edições dos Encontros Nacionais de Ensino de Biologia, quando comparados ao número total de trabalhos publicados, a situação torna-se um agravante. Nesse sentido, poucos trabalhos trazem situações chamando a atenção às questões polêmicas para abordar esta temática em sala de aula com os estudantes, ou mesmo com os professores em sua formação continuada.

Os trabalhos, sinalizando abordagens/temas polêmicos sobre a sexualidade, utilizaram-se exclusivamente do subtema “diversidade e orientação sexual”, o que demonstra a preocupação mais frequente que é enfatizada por autores/pesquisadores quanto às discussões nesse âmbito.

Diante deste cenário, evidencia-se a necessidade de um despertar por parte dos professores e pesquisadores para a inserção/realização de atividades de intervenção envolvendo aplicação desta temática no contexto escolar, como por exemplo, oficinas, dinâmicas, discussões, aplicações de atividades lúdicas, entre outras, indo além do campo teórico, sensibilizando os estudantes, quebrando preconceitos e tabus acerca do tema sexualidade.

Referências

ABREU, R. L. P.; SANTOS, R. A. P. Gênero E Sexualidade Nos PCNs: uma análise dos objetivos gerais. **Caderno Espaço Feminino**, v. 28, n. 1, p. 24-35, 2015.

ALTMANN, H. Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 575-585, 2001.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais/ Ensino Fundamental**: Orientação sexual. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: Ministério da Educação, 1997.

CARVALHO, F. A. Educação para as sexualidades, os gêneros e as diferenças: para além da biologia, as ‘biopolíticas’ atuais. **Revista da Sociedade Brasileira de Ensino de biologia**, v.06, p. 01-12, 2016.

CAVALCANTE, A .W .C.; MOTA, E. F. Gênero e sexualidade na prática docente de professores de ciências: investigação em uma escola pública de fortaleza. **Revista da Sociedade Brasileira de Ensino de biologia**, v.06, p. 01-10, 2016.

COELHO, L. J.; CAMPOS, L. M. L. Diversidade sexual e licenciandos em ciências biológicas: que professor formamos?. **Revista da Sociedade Brasileira de Ensino de biologia**, v.04, p. 01-10, 2012.

FIGUEIREDO, V. A. A. Gênero, patriarcado, educação e os parâmetros curriculares nacionais. **Caderno Espaço Feminino**, v. 21, n. 1, p. 12- 25, 2009.

FURLANI, J. Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da Educação Sexual. **Educação em Revista**, v. 4, n. 46. p. 269-285, 2007.

MAMPRIN, A. M. P. **A importância da educação sexual na escola para prevenção de conflitos gerados por questões de gênero**. Londrina: Secretaria Estadual de Educação do Paraná, 2009.

MARTINS, S. M. L. Diversidade de orientação sexual nas aulas de biologia. **Revista da Sociedade Brasileira de Ensino de biologia**, n.04, p. 01-10, 2012.

NASCIMENTO, A. P. F.; DORVILLÉ, L. F. M. Sexualidade e gênero na percepção docente. **Revista da Sociedade Brasileira de Ensino de biologia**, v.06, p. 01-11, 2016.

NOGUEIRA, N. S. et al. Educação sexual no contexto escolar: as estratégias utilizadas em sala de aula pelos educadores. **Holos**, v. 3, n. 3, p.319-327, 2016.

PALMA, Y. A. et al. Parâmetros Curriculares Nacionais: Um Estudo sobre Orientação Sexual, Gênero e Escola no Brasil. **Temas em Psicologia**, v. 23, nº 3, p. 727-738, 2015.

PEREIRA, R. Q. Problematizando o ensino do corpo na formação inicial. **Enseñanza de las Ciencias**, v. 27, n.3, p. 67-85, 2009.

POLIZEL, A. L.; CARVALHO, F. A. Queimando livros e currículos: considerações sobre a histeria neofundamentalista nas discussões de sexualidade e gênero. **Revista da Sociedade Brasileira de Ensino de biologia**, v.06, p. 01-12, 2016.

SANTANA, N. N.; POLIZEL, A. L.; MAIO, E. L. Concepções de professores de ciências e biologia do município de Maringá, Paraná, sobre transexualidade. **Revista da Sociedade Brasileira de Ensino de biologia**, v.06, p. 01-11, 2016.

SANTOS, F. F.; SOUZA, M. P. 'Professora, a senhora gosta de homem ou de mulher'? Olhares de um grupo de estudantes sobre uma proposta de ensino sobre corpo, gênero e sexualidade na EJA. . **Revista da Sociedade Brasileira de Ensino de biologia**, n.05, p. 01-12, 2014.

SANTOS, L. H. Incorporando “outras” representações culturais de corpo na sala de aula. In: OLIVEIRA, D. (org). **Ciências na sala de aula: cadernos de Educação Básica**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

SANTOS, S. P. Tecendo olhar(es) sobre homossexualidade(s) no espaço escolar: batendo um papo com professores/as de ciências e biologia. **Revista da Sociedade Brasileira de Ensino de biologia**, v.05, p. 01-13, 2014.

SANTOS, S. P.; CASTELLAN, B. T. *Corpos dissidentes* no espaço escolar: normalizações e assujeitamentos. **Revista da Sociedade Brasileira de Ensino de biologia**, v.5, p. 01-13, 2014.

SOUZA- EW, R. A. Diálogos sobre sexualidade na escola: uma intervenção possível. **Psicologia em Pesquisa**, v. 11, n.2, p. 51-60, 2017.